

Cómo citar este trabajo: Rodrigues de Almeida, Maria Vitória Caetano y De Tilio, Rafael (2026). Diferenças etárias acentuadas em conjugalidades entre mulheres. *Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, 15, pp. 1-19. <https://doi.org/10.46661/relies.12940>

Diferenças etárias acentuadas em conjugalidades entre mulheres

Significant age gap in marital relationships among women

Maria Vitória Caetano Rodrigues de Almeida

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
mariavitoriacrr@gmail.com
[<https://orcid.org/0000-0002-4076-7009>]

Rafael De Tilio

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Rafael.tilio@uftm.edu.br
[<https://orcid.org/0000-0002-4240-9707>]

Resumo

Este artigo analisa as conjugalidades entre mulheres atravessadas por diferenças etárias acentuadas, tomando como eixo teórico-metodológico a análise do discurso de Michel Foucault. A partir de entrevistas com quatro casais de mulheres examinam-se os modos pelos quais são produzidos discursos sobre idade, desejo, poder e legitimidade nestes tipos de relação afetivo-sexual. Os resultados indicam que tais conjugalidades tensionam normas heteronormativas e etaristas, revelando formas singulares de produção de subjetividades e modos de vivenciar o relacionamento.

Palavras-chave: conjugalidades entre mulheres; diferença etária; análise do discurso; sexualidade; gênero.

Abstract

This article examines conjugalities between women marked by significant age differences, grounded in Michel Foucault's discourse analysis as a theoretical and methodological framework. Based on interviews with four couples of women the study explores how discourses on age, desire, power, and legitimacy are constructed within these kinds of relationship. The results indicate that these conjugalities challenge heteronormative and ageist norms, revealing singular forms of subjectivity production and ways of experiencing the relationship.

Keywords: conjugalities between women; age difference; discourse analysis; sexuality; gender.

1 Introdução

Na contemporaneidade as conjugalidades entre mulheres emergem como um importante campo de estudo, sendo importante compreender as dinâmicas afetivas que desafiam modelos heteronormativos tradicionais. Dados recentes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística demonstram queda no número de casamentos homoafetivos e heteroafetivos e crescimento de uniões (civis ou casamentos) entre mulheres (IBFDAM, 2025). Além disso, 62,7% das uniões homoafetivas foram entre mulheres (Brandino & Lucca, 2025).

Entretanto, considerando o cenário brasileiro há registros de mulheres homossexuais desde o período colonial, especialmente nas aldeias indígenas, embora o homoerotismo feminino tenha tido pouca notoriedade ao longo dos séculos. Essa invisibilidade se deve ao que Louro (2018, p.18) destaca como um “trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade normatizada”, argumentando que os discursos normativos conceberam as mulheres como figuras passivas, domesticadas e maternas e não como sujeitos do desejo. Esse processo, segundo a autora, não apenas invisibilizou a sexualidade entre mulheres, como também instituiu regimes de inteligibilidade que ainda hoje regulam os modos pelos quais essas conjugalidades são percebidas, narradas e avaliadas.

Por volta dos séculos XVI a XVIII, a Inquisição Portuguesa que mantinha os chamados livros de Denúncias e Confissões do Santo Ofício do Brasil e colheu confissões e denúncias de mulheres envolvidas em relações afetivo-sexuais com outras mulheres; mas devido à ausência de membro fático nessas práticas sexuais, tais atos não eram considerados pecados abomináveis, mas sim desvios menores como “molícia ou sodomia imperfeita” (Carmo, 2019, p. 319). Questões como essa revelam uma percepção distorcida da sexualidade feminina, bem como a invisibilidade vivenciada pela comunidade sáfica desde tempos remotos.

Embora também com registros esporádicos, os séculos seguintes no Brasil mostram casos de relacionamentos afetivos e sexuais entre mulheres em casas de recolhimentos e conventos e mulheres que assumiram vestimentas masculinas para se casarem com outras mulheres. Em meados do Século XIX e início do Século XX a homossexualidade feminina ganhou a atenção do discurso médico-legal que classificava essas mulheres como degeneradas, histéricas ou mentalmente perturbadas (Carmo, 2019). Isso participa do denominado por Foucault (2006a) como da razão psiquiátrica que passou a governar os corpos e os desejos, transformando diferenças (da heterossexualidade) em patologias e comportamentos indesejados em loucura: “o internamento não era apenas exclusão, era também uma maneira de fazer falar uma razão que acabava de nascer, e que só podia afirmar-se eliminando o outro lado de si mesma” (Foucault, 2006a, p. 57).

Nas décadas que se seguiram, a homossexualidade tanto feminina quanto masculina passou a ser considerada não apenas como um pecado, erro de conduta ou vício moral, mas principalmente uma doença mental, isto é, como uma questão de saúde individual (degenerescência do sujeito não ajustado à heterossexualidade) e de saúde pública (a extinção da espécie humana e da família heterossexual monogâmica). Isso levou às tentativas de “curar” a homossexualidade por meio de terapias psiquiátricas/psicológicas, como a terapia de conversão orientação sexual (Foucault, 1999, p. 45).

Diante disso, a homossexualidade foi criminalizada em muitos países, incluindo o Brasil, sendo considerada uma doença até 1985 quando o Conselho Federal de Medicina retirou da lista de transtornos mentais a classificação “homossexualismo.” No entanto, ainda existem 69 países que categorizam a homossexualidade como crime (BBC News, 2021), além de que, mesmo quando descriminalizada, ela recebe rechaço moral por parte de grupos tradicionalistas do ponto de vista dos costumes.

Atualmente, as configurações dos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres têm ganhado visibilidade nos debates acadêmicos e sociais, sobretudo devido aos avanços das pautas feministas e LGBTQIAPN+ em busca do reconhecimento e garantia dos seus direitos. No entanto, essa visibilidade ainda esbarra em silenciamentos, apagamentos e normatizações que atravessam os modos como a conjugalidade entre mulheres é significada e narrada. Ao adicionar a essas relações disparidades etárias (*age gap*) acentuadas, esses silenciamentos se entrelaçam a outros marcadores das diferenças sociais que produzem discursos específicos sobre desejo, legitimidade, poder e normalidade. Em sua maioria, esses discursos são marcados pela reprovação uma vez que esse formato de relação escapa à lógica da cisheteronormatividade.

A conjugalidade (construção de um vínculo afetivo, sexual e de vida) pode ser compreendida como uma construção histórica e discursiva marcada por regimes de verdade que normatizam os modos legítimos de viver que, no caso, na tradição ocidental, deve ser a dois. Durante muito tempo, os estudos sobre conjugalidades estiveram centrados em modelos heteronormativos e monogâmicos, invisibilizando outras possibilidades (Loyola, 2003). As relações entre mulheres, quando aparecem, são comparadas aos modelos heterossexuais, o que pode produzir apagamentos de suas especificidades (Louro, 2008).

Quando considerada a diferença etária acentuada (*age gap*) entre as parceiras, emergem novos desafios, pois as relações afetivo-sexuais com disparidade acentuada de idade tendem a ser atravessadas por discursos morais, patologizantes e hipersexualizantes. Os discursos morais, sustentados por matrizes religiosas e patriarcais, significam essas relações como pecaminosas, desviantes ou imorais (Saffioti, 2015). Já os discursos patologizantes as classificam como sintomas de histeria, carência afetiva ou distúrbios psicológicos, reproduzindo o movimento histórico de medicalização das dissidências sexuais (Foucault, 2006b). Por fim, os discursos hipersexualizantes reduzem a conjugalidade entre mulheres à fantasia erótica ou à excentricidade, negando sua legitimidade. Tais discursos operam a partir do que Foucault (1999) denominou de dispositivos de poder que tentam nomear, ordenar e controlar as formas de amar e de se relacionar – o chamado dispositivo moderno da sexualidade. Diante disso, não raramente, essas relações são alvo de deslegitimação, pois o etarismo¹ atua como tecnologia sexual e de gênero que (re)produz estereótipos como o da *sugar mommy*² ao enquadrá-las em lógicas hierárquicas heteronormativas que as tornam suspeitas, anormais ou desviantes de uma suposta maturidade emocional.

A análise do discurso se apresenta como uma ferramenta potente para compreender como essas conjugalidades são produzidas e reguladas. Inspirando-se na arqueogenealogia foucaultiana, busca-se delinear os discursos que interpelam essas mulheres, produzindo sentidos sobre o amor, o desejo, o sexo, o envelhecimento, a juventude, o cuidado e a reciprocidade. Não se trata, portanto, de procurar “a verdade” sobre essas relações, mas de explorar os regimes de saber-poder que tornam certos discursos possíveis e, outros, impossíveis (Foucault, 2014, p. 17).

Para aprofundar essa compreensão, essa pesquisa adotou a análise do discurso de Michel Foucault como referencial teórico-metodológico. Essa escolha se justifica pela sua capacidade de desvelar as relações entre saber, poder e subjetividade que permeiam a produção dos discursos sobre a sexualidade e as relações afetivas, pois a investigação sobre discursos permite compreender os

¹ Etarismo ou idadeísmo ou ageísmo é o preconceito, estereotipação e discriminação baseada na idade de uma pessoa, principalmente contra idosos, limitando oportunidades no mercado de trabalho e prejudicando a saúde mental.

² *Sugar mommy* é uma mulher bem-sucedida, geralmente mais velha, que oferece suporte financeiro, mimos e presentes a um(a) parceira(a) mais jovem, conhecido como *sugar baby*. Esse tipo de relacionamento baseia-se em trocas acordadas, focando em prazer (e nem sempre em sexo) e estilo de vida.

regimes de verdade que regulam experiências individuais e coletivas, normatividades e estratégias de resistência ou conformidade. No caso desta investigação, a análise foucaultiana de conjugalidades entre mulheres com diferenças etárias acentuadas permite investigar como os discursos sobre a idade, a sexualidade e o gênero se entrelaçam na construção dessas conjugalidades, revelando as dinâmicas de poder.

Essa investigação se insere em uma perspectiva crítica que visa deslocar as noções naturalizadas de conjugalidades heteronormativas, apontando para a pluralidade das vivências entre mulheres, especialmente aquelas que fogem dos marcadores normativos de idade e orientação (hetero) sexual. Ao trazer luz aos discursos que historicamente foram silenciados, busca-se contribuir para a ampliação dos debates sobre diversidade relacional e para a construção de saberes que valorizem a complexidade das experiências amorosas entre mulheres no Brasil contemporâneo. Diante do exposto, este artigo tem como objetivo explorar os modos de constituição das conjugalidades entre mulheres no contexto de relações afetivo-sexuais marcadas por diferenças etárias acentuadas.

2 Aspectos metodológicos

Esta é uma pesquisa qualitativa ancorada na perspectiva da análise do discurso inspirada nos trabalhos de Michel Foucault. Tal escolha metodológica não se propõe a alcançar a verdade dos discursos, mas a compreendê-los como práticas sociais e históricas que produzem saberes, subjetividades e relações de poder (Foucault, 1995).

Assim, a produção dos discursos foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro casais de mulheres cisgênero que vivenciam relações afetivo-sexuais há um ano ou mais, cujos relacionamentos são marcados por uma diferença etária acentuada – mais de dez anos. Com isso, o processo de recrutamento das entrevistadas se deu pelo método de amostragem não-probabilística por bola-de-neve ou cadeia referenciada, comumente utilizado para atingir diretamente a população de interesse (Vinuto, 2014). No caso desta pesquisa, o primeiro casal de mulheres entrevistado participava da rede de contatos dos pesquisadores e indicou outros potenciais casais. As entrevistas foram conduzidas de maneira individual e remota, utilizando-se de perguntas disparadoras sobre temáticas como o processo de descoberta da identidade e orientação sexual, questões que envolviam o relacionamento afetivo e as demais relações do convívio de cada uma das mulheres.

Para a confecção do roteiro de perguntas foi realizada uma entrevista-piloto com uma mulher que correspondia aos critérios de inclusão a fim de adequar e/ou alterar o roteiro de perguntas. De acordo com Canhota (2008) o teste-piloto é importante para a avaliação da eficácia/pertinência do instrumento para a coleta dos dados.

Cada membro do casal foi entrevistado individualmente e cada entrevista teve duração média de 50 minutos e foi gravada com consentimento das participantes, conforme os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. Os nomes utilizados neste artigo são pseudônimos para preservar a identidade e a privacidade das entrevistadas. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade de origem dos pesquisadores [CAEE 78465824.6.0000.5154 na Plataforma Brasil].

A delimitação da quantidade de casais integrantes da pesquisa observou as recomendações da estratégia de saturação de dados, isto é, após a realização e transcrição na íntegra de cada entrevista era averiguado se novas informações surgiam e, quando as repetições de conteúdos se tornaram repetitivos a coleta foi encerrada. Os dados obtidos nas entrevistas foram, consonante Nascimento et al (2018), agrupados em temas.

A análise das entrevistas foi conduzida a partir da perspectiva da análise do discurso foucaultiana que compreende o discurso não como expressão de uma interioridade ou verdade, mas como prática social que produz saberes, subjetividades e relações de poder (Foucault, 1995). A organização dos dados para a análise foi iniciada a partir da leitura e releitura das transcrições das entrevistas com especial atenção aos modos como as participantes narravam suas experiências conjugais, seus lugares de fala, as tensões, as resistências e as regularidades discursivas. Esse processo está assentado na argumentação de Foucault (1995) de que o discurso não é apenas um conjunto de palavras ou de representações de objetos da realidade, mas um campo (de regularidades) de práticas que produzem objetos, saberes e sujeitos.

Ao analisar discursos, interessa compreender não o que os indivíduos “querem dizer”, mas sim compreender quais são as condições de possibilidade que tornam certos dizeres possíveis em um determinado contexto histórico (as regularidades), sendo que essas condições operam como regras que delimitam o que, por quem e em quais circunstâncias algo pode ser dito e quais efeitos (de verdade) são gerados.

No caso da conjugalidade entre mulheres com disparidade etária acentuada, trata-se de observar como os discursos produzidos pelas participantes emergem em meio a normas sociais que definem, por exemplo, o que é um relacionamento legítimo, quais expectativas de gênero recaem sobre cada parceira e quais silenciamentos ou resistências são estabelecidos.

A análise foucaultiana também perpassa pelos regimes de verdade, isto é, os mecanismos que em cada sociedade estabelecem quais discursos são considerados verdadeiros, quais são desqualificados e quais práticas sustentam essa diferenciação (Foucault, 2014). Esses regimes de verdade não são fixos nem universais, mas variam historicamente e estão sempre vinculados às relações de poder. Ao investigar os relatos interessa compreender quais regimes de verdades sobre conjugalidade feminina são mobilizados: verdades sobre amor, desejo, idade, legitimidade conjugal e reconhecimento social. Assim, torna-se possível identificar tanto repetições discursivas que reiteram (hetero) normatizações quanto resistências que as tensionam (Foucault, 1979).

Outro conceito central é o de dispositivo que para Foucault (1994) são redes heterogêneas compostas por discursos, instituições, leis, normas, práticas e saberes que, em conjunto, orientam condutas e produzem subjetividades. No campo da sexualidade, dispositivos de regulação como a medicina, a psicologia, a família e a escola constituem modos de falar e viver a sexualidade ao mesmo tempo em que definem os padrões de normalidade e anormalidade.

Por fim, destaca-se a noção de práticas de subjetivação que remetem aos modos como os sujeitos se constituem a partir de determinadas normas e discursos, incluindo os movimentos de resistência e de reinvenção de si (Foucault, 1999) – por exemplo, nesta pesquisa as entrevistas revelam como as mulheres elaboram sentidos para suas experiências conjugais, ora reiterando normas estabelecidas, ora ressignificando-as, pois os discursos não operaram apenas por vias das proibições, mas também pela produção de verdades (injunções) sobre o que seria um amor legítimo, maduro ou aceitável.

Dessa forma, compreender os discursos sobre conjugalidade entre mulheres com disparidade etária acentuada implica observar não apenas os relatos em si, mas também as práticas de subjetivação que eles atualizam: como cada participante se posiciona diante das expectativas sociais; quais lugares de fala reivindica; e de que forma constroem sentidos de legitimidade, afeto e reconhecimento.

3 Resultados e discussão

A análise do discurso de Michel Foucault exige uma abordagem que vá além do conteúdo explícito da fala (enunciado) e investigue as relações de poder, os regimes de verdade e os dispositivos discursivos que os moldam (enunciação). Para tanto, é necessária uma familiarização com as informações coletadas seguida por uma análise de poder e das relações discursivas.

A familiarização com as informações se iniciou com as entrevistas, seguida das suas transcrições literais incluindo pausas, hesitações e expressões que pudessem ser relevantes para a análise discursiva. Em um segundo momento, foi feita uma leitura exploratória das entrevistas, sem buscar padrões específicos, apenas com o intuito de se familiarizar com o material e identificar possíveis temas emergentes.

Depois, fez-se uma breve descrição dos casais entrevistados a fim de preludiar informações abordadas ao longo da análise. Os casais participantes são: Violeta (45 anos) e Jasmim (21 anos); Íris (46 anos) e Gardênia (36 anos); Magnólia (43 anos) e Tulipa (28 anos); e Azaléia (43 anos) e Bromélia (23 anos).

Após a familiarização com os dados coletados, foi possível descrever o perfil sociodemográfico do conjunto das participantes da pesquisa, contribuindo para a compreensão das interseccionalidades presentes nos discursos e no contexto social em que as conjugalidades se desenvolveram.

No que se refere à escolaridade, uma participante possui ensino fundamental completo, uma possui formação técnica, uma possui ensino superior incompleto, uma possui mestrado e quatro possuem ensino superior completo. Nota-se, portanto, a predominância de mulheres com nível superior, o que indica um grau elevado de escolarização no grupo investigado. Em relação à faixa etária, as idades das participantes variaram entre 21 e 46 anos, evidenciando a característica central da pesquisa: a disparidade etária acentuada entre as parceiras; as mulheres mais jovens possuíam idades entre 21 e 36 anos e suas parceiras mais velhas tinham entre 43 e 46 anos, o que possibilita problematizar a conjugalidade a partir do marcador geracional.

No tocante à orientação sexual, sete participantes se autodeclararam homossexuais e uma se identificou como bissexual. Assim, observa-se a predominância de mulheres que se reconhecem como lésbicas³, o que reforça a centralidade das experiências homoafetivas no escopo da pesquisa.

No que se refere à ocupação profissional, identificou-se heterogeneidade nas trajetórias de inserção e participação no mercado de trabalho, incluindo profissões de nível superior (advogada, analista e psicóloga), atividades autônomas (cabeleireira e trabalhadora autônoma), funções administrativas (auxiliar administrativa e gerente), além de uma participante sem ocupação remunerada no momento da entrevista. Essa diversidade profissional sugere a inexistência de um padrão único de atuação laboral, refletindo diferentes percursos de vida e condições sociais.

No que diz respeito à renda média, verificou-se concentração de participantes na faixa entre dois até quatro salários-mínimos – quatro participantes. As demais não possuíam renda pessoal (sendo totalmente dependentes das suas parceiras) (uma participante), cinco salários-mínimos (duas participantes) e seis salários-mínimos (uma participante). Essa distribuição evidencia a predominância de condições associadas às classes médias brasileiras, ainda que as variações apontem para desigualdades socioeconômicas no conjunto pesquisado.

³ Mas como pelo menos uma participante se autodeclarou bissexual optamos por não designar o conjunto dessas participantes como lésbicas (mulheres homossexuais).

No quesito raça/etnia, 62,5% das participantes se autodeclararam brancas, 25% pardas e 12,5% pretas, o que mostra o predomínio de pessoas brancas que se voluntariaram para a participação na pesquisa. Em relação à religião, observou-se que metade (50%) das participantes se declarou católica, 37,5% identificaram-se como espíritas e 12,5% afirmaram não possuir religião, refletindo a presença do catolicismo e do espiritismo no cenário religioso brasileiro, indicando que a religiosidade permanece como um aspecto relevante na constituição identitária das entrevistadas.

Essa contextualização visa contextualizar as condições de produção dos discursos, bem como sua localização histórica e social, sendo o discurso entendido como um conjunto de regularidades de sentidos que estabelece o que pode ser dito e pensado em determinada época e contexto (Foucault, 2014). Diante disso, procurou-se identificar quais discursos sobre conjugalidade, afeto e sexualidade entre mulheres com diferenças etárias acentuadas emergem das entrevistas. Já a localização histórica e social relaciona os discursos às normas sociais, históricas e institucionais que regulam as relações afetivo-sexuais entre mulheres, ou seja, são as condições de produção dos discursos.

Ao se pensar nas conjugalidades entre mulheres com diferenças etárias acentuadas, emerge uma zona de tensão entre o que se espera de um “casal ideal”, ainda profundamente atravessado por normas heterossexuais e etaristas, e o que essas mulheres vivenciam afetiva e sexualmente na vida cotidiana e que podem repetir ou questionar essas normas. Os discursos das participantes revelam não apenas os afetos e desafios próprios das relações amorosas, mas também os modos como elas se percebem e se posicionam diante de discursos normativos que legitimam ou deslegitimam suas relações. Isso posto, buscou-se mapear as regularidades discursivas que emergiram do conjunto dos relatos das participantes, bem como os tensionamentos, silenciamentos e estratégias de resistência presentes em seus relatos.

O objetivo da análise não é, portanto, interpretar as experiências a partir de uma lógica causal ou psicológica, mas sim compreender os modos como essas mulheres produzem sentidos sobre suas conjugalidades, situadas em um campo de disputas normativas que atravessam o gênero, a sexualidade e a diferença de idade.

Para dar visibilidade a essas dinâmicas, a análise foi organizada em três eixos de regularidades discursivas: diferença etária como marca visível e discursiva; negociações de poder no interior da relação conjugal; e sentidos atribuídos ao tempo da conjugalidade. Dessa forma, tais eixos não devem ser compreendidos como categorias estanques, mas como dispositivos analíticos que permitem elucidar diferentes aspectos das experiências narradas pelas participantes.

3.1 A diferença etária como marca visível e discursiva.

A primeira regularidade de sentidos proveniente dos discursos das entrevistadas diz respeito à forma como a diferença acentuada de idade é percebida e comentada no espaço público e como essa questão é percebida no interior do relacionamento. Algumas narraram situações em que foram confundidas não com um casal não de amantes, mas de mãe e filha. Essa leitura se torna uma forma de apagamento da conjugalidade, transformando o vínculo afetivo-sexual em uma relação de cuidado familiar materno.

Muitas vezes, os olhares externos enquadram essas relações no campo da suspeita, como se a disparidade etária acentuada indicasse automaticamente uma assimetria de poder, um desvio moral ou uma anomalia afetiva. Isso se traduz em relatos que associam casais de mulheres com idades distintas às posições de mãe e filha, ao desequilíbrio entre maturidade e imaturidade ou à exploração e, principalmente, à dessexualização.

Esse tipo de apagamento mobiliza sentidos de infantilização da parceira mais jovem e de dessexualização da parceira mais velha, reforçando estereótipos sobre o envelhecimento feminino, o desejo e a legitimidade das relações homoafetivas. De acordo com Foucault (1999), os discursos

que normatizam a sexualidade não apenas proíbem, mas produzem verdades sobre os corpos, os afetos e os sujeitos em termos heterossexuais; isso reafirma não apenas o preconceito contra as relações homoafetivas, mas também contra o etarismo.

Com isso, os discursos exemplificam o que Foucault (1999) chama de regimes de verdade, ou seja, sistemas de enunciados e de sentidos que se estabilizam e passam a regular o que pode ser reconhecido como legítimo. A conjugalidade heteronormativa e de proximidade etária se torna o parâmetro do normal, e toda diferença passa a transitar pela lógica do desvio. Assim, as parceiras com diferença etária acentuada não apenas vivem suas relações, mas também precisam se posicionar diante das significações que lhes são impostas.

A diferença etária entre Violeta e Jasmim (24 anos de diferença) emerge como um elemento central na forma como ambas constroem seus sentidos sobre o relacionamento que partilham. Trata-se de uma marca visível, constantemente observada e comentada por outras pessoas, o que faz com que o casal se perceba atravessado por olhares e julgamentos que questionam a legitimidade do vínculo. No entanto, elas reconhecem que em determinados momentos o julgamento não se volta à diferença de idade, mas sim ao sexo/gênero, ou seja, duas mulheres se relacionando. O dispositivo da sexualidade age aqui delimitando o que pode ser considerado natural ou aceitável (Foucault, 1999), o que pode ser exemplificado pelas respostas a seguir, quando perguntado a Jasmim sobre a disparidade de idade na relação conjugal: “Foi mais geral por conta de ser uma mulher, é incrível isso, porque nem os meus pais ligaram pra isso [diferença de idade]. Porque minha mãe é mais velha que o meu padrasto. Eles têm uma diferença de idade. Não ligaram”; e ainda: “Quando é em uma live as pessoas têm muito disso, de achar que tem a liberdade de falar. Eu ouvi falar: ‘ela parece ter 60 anos’; ‘nossa! Mas ela é isso. Mas ela é aquilo’; ‘eu achei que você fosse filha dela. Mas você é namorada? Como assim?’”; e: “Pessoalmente, pelo menos na nossa frente, não existe nada. Na internet, alguns comentários, mas são muito poucos. (...) Dizem que a gente: ‘nossa, mas é muito bizarro. É muita diferença. Isso é problemático.’”

Dessa forma, a atribuição de sentido da diferença etária aparece não somente como uma percepção interna ao casal, mas sim compartilhada e a partir do olhar de outrem, um marcador discursivo que organiza exteriormente a relação afetiva e sexual, reforçando a dimensão social da sexualidade do ponto de vista de um olhar normativo (Louro, 2018). Essa assimetria entre o dito e o não dito revela formas contemporâneas de regulação moral que operam menos pela interdição explícita e mais pela vigilância difusa.

As respostas de Violeta e Jasmim mostram que a diferença etária acentuada ativa julgamentos, piadas e suspeições (mãe/filha; bizarro; pedofilia) especialmente no ambiente digital (nos comentários que recebem em suas postagens de fotos em redes sociais da internet, por exemplo), enquanto na vida *offline* prevalecem o silêncio e a cordialidade dos comentários. A norma heteronormativa age tanto de fora (julgamentos) quanto de dentro (culpa/receio da própria Violeta), mas o casal elabora estratégias de resistências (apaziguar, retrucar, resignificar) e contradiscursos que afirmam a legitimidade do vínculo conjugal – esse duplo funcionamento ambíguo (continuidade e rupturas) diante da (hetero) norma ilustra como o poder funciona segundo Foucault (1979; 1999).

Dessa forma, a diferença etária acentuada atua como um ponto de intersecção entre o pessoal e o social, um marcador que ao mesmo tempo distingue o casal e (re) inscreve em uma rede de discursos normativos que tenta definir o que seria uma relação legítima. O modo como ambas elaboram suas respostas revela as resistências a essas classificações, construindo uma narrativa de afirmação e de pertencimento que desafia a norma hegemônica e reivindica o direito apesar dela.

Entre o casal Gardênia e Íris, a questão da diferença acentuada de idade (11 anos de diferença) surge nos relatos de ambas como um aspecto que atravessa a constituição da relação conjugal e os

modos de significar o vínculo ao longo dos anos. A diferença etária acentuada entre elas é tematizada mais como uma diferença entre experiências, maturidades e perspectivas de vida do que como um obstáculo propriamente dito. Essa diferença, no entanto, aparece mais fortemente nos relatos sobre o início da relação, sendo posteriormente ressignificada no cotidiano conjugal.

Gardênia, a mais jovem, relata que no início sentia a diferença de idade “na questão de maturidade, de visão, de perspectiva de vida”, embora tenha destacado que “hoje [momento da entrevista] nem tanto”. Ela explica que o tempo de convivência e as trocas cotidianas diluíram a importância desse fator, permitindo que as duas se aproximassem em termos de expectativas e de ritmo de vida. Em suas palavras: “Hoje não, assim, a nossa diferença de idade, acho que é, como é que é, 11 anos, né, de diferença. Hoje nem tanto, mas lá no início sim, questão de maturidade, né, de visão, de perspectiva de vida, mas hoje não, não vejo como um desafio não, pelo menos pra mim não.”

Do ponto de vista de Íris, a diferença etária acentuada também foi percebida especialmente no início do relacionamento como um aspecto que exigia cuidado e reflexão. Ela contou que ao conhecer Gardênia tentou desencorajar o envolvimento afetivo por acreditar que a jovem ainda não sabia o que queria:

Eu me lembro que, no início, eu ainda conversei com ela. Eu falei, ‘olha, você é muito nova. Você tem uma vida pela frente. Você tá se envolvendo com uma pessoa que não tem nada a ver com você. Você tá enganada com as coisas, não é assim que funciona. Segue seu caminho, você vai achar alguém.’ Inclusive, incentivei ela a ficar com um conhecido meu.

A postura inicial de Íris revela tanto o receio quanto uma tentativa de exercer proteção, o que pode ser compreendido como um papel geracional por conta da questão da diferença acentuada de idade. Contudo, esse movimento foi rapidamente subvertido por Gardênia que demonstrou segurança em sua escolha, insistindo no relacionamento e deslocando o lugar de Íris de tutora para parceira afetiva e sexual.

Embora as duas tenham relatado pequenas situações de constrangimento produzidas por terceiros, tais como pessoas perguntando se Íris seria mãe ou avó de Gardênia, esse tipo de situação era tratada com naturalidade e humor, sem se tornar o foco das preocupações. Gardênia comentou:

Já aconteceu acho que umas duas ou três vezes a pessoa perguntar se ela era a minha mãe, e teve uma outra oportunidade [...] que aconteceu da pessoa perguntar se ela era a avó da filha dela [...]. Às vezes vai em algum restaurante, vai ser atendido em algum lugar, ‘ah a sua filha?’ ‘Não, minha esposa, minha companheira’.

Esses episódios são mencionados mais como curiosidades do cotidiano do que como experiências de dor ou estigma, o que reforça que para este casal a diferença etária acentuada é elaborada principalmente no campo íntimo, como uma dimensão constitutiva da relação e não como uma questão socialmente problematizada.

Para Magnólia e Tulipa (15 anos de diferença), embora ambas afirmem não vivenciar conflitos explícitos relacionados as diferenças de idade, seus discursos revelam que esta diferença opera como um elemento que organiza posições, saberes e práticas no cotidiano. A partir da análise foucaultiana, a questão etária passa a ser compreendida como um marcador discursivo que produz modos de ser no relacionamento.

Um dos aspectos mais evidentes é a comparação entre experiências prévias de relacionamentos afetivos e sexuais relatados por Magnólia: “Eu fui casada anteriormente [...] Passei 15 anos com ela. Aí, depois dela, eu tive um outro relacionamento, que eu fiquei três anos. E agora eu estou com a Tulipa.” Por meio dessas vivências, constrói-se um discurso de maturidade relacional, ancorado no aprendizado com o tempo. Nessa perspectiva, a experiência funciona como um regime de verdade

no qual a vivência prolongada em relações anteriores legitima uma posição de sujeito mais “maduro”.

Diante disso, a maturidade se expressa diretamente na convivência. Segundo Magnólia, “é um dos relacionamentos mais tranquilos que eu já tive [...] a gente consegue conversar sem essa conversa virar uma discussão”, o que remete à prática discursiva de contenção, diálogo e mediação de conflitos construída ao longo dos anos como efeito de uma subjetivação produzida por experiências anteriores de tensão e desgaste. Por outro lado, Tulipa, mais jovem, se posiciona como alguém mais impulsiva e imediatista: “Eu peço, 'Magnólia, faz isso'. Aí ela demora um pouquinho, eu vou lá fazer. Aí logo eu fico pensando, cara, eu poderia ter esperado ela fazer.” Isso evidencia um processo de subjetivação em curso, quando a relação é capaz de produzir novas formas de se posicionar e existir enquanto sujeito.

O crescimento individual e do conjunto (do casal) também emerge de maneira evidente quando Magnólia afirmou: “Eu acho que com ela eu aprendi [...] que tudo bem falar o que eu quero, o que eu gosto.” Assim, embora Magnólia tenha internalizado regimes de verdade (citados por ela ao mencionar que em sua geração havia muitas proibições), o fato de ela conseguir no presente nomear desejos, rompe regimes de silêncio e produz novas formas de existência. Já Tulipa enfatizou o aprendizado da paciência: “Eu aprendi que eu preciso ter mais paciência, que eu preciso esperar mais.” A relação das duas torna-se porta para o desenvolvimento de novas práticas do cuidado de si ao resistirem às normatizações impostas.

Por fim, a relação entre Azaleia e Bromélia é atravessada por uma diferença de idade de vinte anos que se manifesta de modo ambíguo: ora como desafio, ora como instrumento de aprendizado e de reorganização subjetiva. Há momentos em que a diferença etária acentuada aparece como fonte de autocritica e desconforto. Azaleia admitiu: “Mas aqui [gesticula], na minha cabeça tem. Eu sempre fico, eu, constrangida comigo mesma, às vezes.” O constrangimento não decorre de um julgamento externo, mas da internalização de discursos normativos que associam idade e desejo. O mal-estar de Azaleia é efeito de um regime de verdade que define limites etários rígidos para o amor e o prazer, reiterando a heteronormatividade como matriz de regulação.

Bromélia, por sua vez, ressignifica a diferença etária como espaço de aprendizado e estabilidade: “Ela foi a primeira pessoa mais velha que eu conheci e a primeira pessoa que deu certo. [...] A maioria das pessoas da minha idade não tinham maturidade pra ter relacionamento.” O discurso de Bromélia inverte a norma social: aquilo que poderia ser motivo de estigma (a diferença etária acentuada) é transformado em valor, em condição para a durabilidade afetiva. Louro (2018) destaca que ao desestabilizar as fronteiras do que é apropriado em termos de gênero, corpo e tempo, sujeitos heterodissidentes produzem novas formas de legitimidade.

3.2 As negociações de poder na conjugalidade.

Outro aspecto recorrente nas entrevistas diz respeito às negociações de poder dentro da conjugalidade. Apesar da diferença acentuada de idade, a maioria das participantes rejeitou a ideia de uma relação hierarquizada – isto é, a de maior idade exercendo domínio sobre a de menor idade. Houve um esforço discursivo evidente por parte das entrevistadas para desconstruir o imaginário de que a mulher mais velha assume um papel de liderança ou de dominação.

No entanto, ao mesmo tempo em que esse esforço aparece também surgem sutis marcações de manutenção das assimetrias que dizem respeito à experiência de vida, à estabilidade financeira ou ao papel de mediadora de conflitos. Foucault (1995) argumenta que o poder não está localizado em um sujeito que domina o outro (no caso, na parceira de maior idade), mas ele se distribui de maneira capilar, atravessando os corpos e os discursos. O que se observa é uma rede de relações de poder expressas em ações e decisões cotidianas, nas formas de cuidado e nas expectativas sobre o futuro.

Entre Violeta e Jasmim surgiram relatos como: “Quando eu cheguei aqui na primeira vez, ela falou assim: ‘se você não se sentir confortável, a gente não precisa nem fazer nada. Eu durmo na sala e você dorme na minha cama’” e “Foi muito positivo para mim que ela já tivesse uma vida construída. Ter essa estrutura pra me receber, pra me dar um apoio, foi muito importante.” Dessa forma, houve a construção de um ritmo da intimidade de modo não-coercitivo, instaurando consentimento e cuidado como princípio do vínculo. Por outro lado, há uma real assimetria de recursos (casa e estabilidade financeira) em favor de Violeta que ao invés de ser hierarquizado é convertido pelo casal em suporte e segurança para Jasmim, confluindo uma forma de poder que ampara (e não submete), impactando decisões práticas (moradia, transição de vida, independência familiar).

Ainda sobre o casal supracitado, Jasmim relatou o seguinte: “Eu ensino tudo [risos]. Eu tento ensinar ela olhar mais para as situações, olhar como as pessoas tratam ela, pra ela saber escolher os amigos”. Em outras palavras: exercendo poder ativo ao dizer que ensina Violeta a compreender contextos e definir limites. A negociação não é unilateral: há mão dupla na construção de capacidade crítica e escolha de ambientes/relacionamentos. Isso ilustra como o poder funciona, segundo Foucault (1995), como uma zona de ambiguidades entre permanências e resistências.

Seguindo no diálogo com Jasmim, no trecho a seguir ela apontou o que teria aprendido ao longo do tempo de relação com sua parceira:

Eu acho que ela me ensinou a ser uma pessoa mais segura. Ela me ensinou a conversar mais. A minha geração é muito imediatista. Ela me ajudou também a ser menos assim, a pensar por outro lado, ser mais segura.

Esse discurso evidencia a troca geracional que redistribui competências entre as duas, reduzindo sem eliminar assimetrias e alimentando autonomia e vínculo do casal. Portanto, o efeito pretendido é o da horizontalização dinâmica da conjugalidade: não há quem manda, mas dispositivos cotidianos (acordos, rotinas, leituras de contexto) que redistribuem as relações de poder conforme a situação.

Assim como o primeiro casal apresentado, a relação entre Gardênia e Íris revela que o poder não é algo fixo ou unilateral, mas um movimento dinâmico e ambíguo negociado no cotidiano. A diferença etária aparece atravessando os modos como elas lidavam com decisões, conflitos, apoio emocional e responsabilidades do cotidiano. No entanto, ao longo do tempo, essa assimetria inicial foi ressignificada, produzindo uma conjugalidade marcada pela reciprocidade.

Gardênia reconhece que no início da relação Íris assumia uma postura mais diretiva, especialmente em momentos de fragilidade emocional da parceira. Quando se sentia desmotivada ou desanimada, era Íris quem exercia o protagonismo das situações:

Quando a Gardênia ficou numa época desempregada, sem trabalho, sem nada... Ela meio que deprimiu. Eu penso que eu fui muito importante nessa parte, não na questão financeira. Na questão de colocar ela pra cima, por ser mais velha, ter vivido mais coisas e já ter passado por isso.

Essa postura de liderança afetiva demonstra que em determinados momentos Íris ocupava uma posição de maior poder, atuando como motivadora e organizadora do rumo da relação. No entanto, esse poder não se apresentava como dominação, mas como tentativa e pretensão de cuidado. A intenção não era controlar, mas ajudar. A diferença acentuada de idade, nesse contexto, se traduzia em experiência e capacidade de apoio.

Além disso, Íris reconheceu que a convivência com Gardênia também transformou profundamente seu modo de lidar com conflitos, fato evidenciado na seguinte fala: “Eu sou uma pessoa muito estourada, muito briguenta, tô pronta pra matar. Esse lado meu, ele sumiu. Ele tá aqui, mas eu não reajo agressivamente por qualquer coisa hoje.”

A relação também se organiza na distribuição de tarefas e na rotina: morar juntas exigiu ajustes que com o tempo se institucionalizaram em práticas compartilhadas. Íris apontou a divisão de responsabilidades domésticas e falou a respeito das adequações que se fizeram necessárias: “Tem que dividir, né? ... Tem o dia da faxina, hoje é segunda, ela entra mais tarde [no trabalho].” Essas rotinas marcam um tempo do cotidiano que, ao ser repetido, cria o sentimento de casa e o de “nós”, um tempo que não é apenas simbolicamente projetado, mas vivido em práticas concretas.

A negociação de poder também apareceu nas decisões do dia a dia. Gardênia afirmou que valoriza a escuta e o equilíbrio na relação: “A gente conversa muito. Não é tudo do jeito de uma nem tudo do jeito da outra.” Dessa forma, é possível perceber que o poder se manifesta de maneiras diferentes em situações de vulnerabilidade, e ele não se concentra em um sujeito ou instituição, mas circula em todas as relações (Foucault, 1979). Assim, quando o casal busca equilíbrio e diálogo, seus relatos demonstram como o poder operar como prática relacional, produzindo modos de condução e de resistência mútuos. Quando Gardênia passou por dificuldades profissionais e emocionais, Íris se colocou como apoio. Mas em outras situações, Gardênia é quem acalma e orienta Íris em momentos de impulsividade – ou seja, é ela quem exerce o poder. Há uma alternância de posições: quem lidera em um momento pode ser conduzido em outro, numa dinâmica contínua de poder tal como concebido por Foucault (1995).

Passando para o casal Tulipa e Magnólia, é possível compreender como o poder é exercido, contestado e ressignificado dentro da relação ao observar em seus relatos os movimentos desde o início do vínculo até a convivência atual. Na transição para a vida a duas, surgiram configurações de poder relacionadas à autonomia e à dependência pois Tulipa se encontrava recém-formada e sem emprego na nova cidade: “o que mais pesa é que até agora eu não achei emprego aqui [...] eu não tenho como trabalhar autônoma aqui.” Após destacar essa questão, Tulipa afirmou que Magnólia buscou oferecer suporte sem impor controle ou cobrança, havendo uma negociação indireta em que a experiência de uma sustenta a transição da outra e o poder aparece não como coerção, mas como organizador das condutas.

Na rotina doméstica as negociações também ocorrem pela naturalização das práticas, conforme relatado por Magnólia: “ela acaba fazendo mais as coisas durante a semana..., mas não foi uma coisa que foi definida, né? Foi dela mesmo.” Essa fala mostra que o poder opera de maneira sutil: ao não definir rigidamente quem faz o quê, a divisão tradicional de tarefas é evitada, permitindo que cada uma atue conforme suas possibilidades. Dessa maneira, o poder aparece sendo exercido por meio de normas internalizadas: Tulipa assumiu as tarefas por iniciativa própria, não por imposição, o que revela uma forma de autogoverno adquirida pela fluidez da convivência. Em suma, a assimetria de poder presente na conjugalidade não se fixou em uma das partes, mas se deslocou conforme o contexto e a necessidade.

A relação entre Azaleia e Bromélia revelou um campo de negociações constantes de poder onde o cuidado, o afeto e a convivência se tornaram formas de condução e de resistência. Foucault (1999) propõe que o poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce, de modo que ele circula, produz e transforma; logo, a conjugalidade entre as duas evidencia esse movimento contínuo, em que as posições de quem conduz e de quem é conduzida se revezam conforme as situações, os afetos e as condições de vida.

Nos primeiros momentos do relacionamento, o poder se manifestava de forma assimétrica, estando ligado à acentuada diferença etária e à experiência de vida. Azaleia recordou: “Eu era muito fria, não demonstrava afeto, não gostava de abraçar, não gostava de beijo, de carinho, nada. Ela foi me ensinando isso com o tempo.” Nesse movimento, a mais jovem ocupava o lugar de quem governava, deslocando o discurso da contenção afetiva e instaurando um regime de verdade e de afetividade baseados na sensibilidade. Consoante a Butler (2003), certas práticas podem subverter normas de

gênero e de conduta: ao insistir na demonstração de afeto, Bromélia auxiliou Azaleia a romper com suas práticas, instaurando novas práticas de si.

Ao mesmo tempo, Azaleia detinha o poder vinculado ao saber e à estabilidade financeira do casal. Sua experiência de vida, somada à posição profissional e financeira consolidada produziam um discurso de responsabilidade e de orientação. Ela disse: “Eu acho que pra evolução dela. [...] Eu tenho uma experiência de vida infinita perto da idade dela.” Esse relato indica que o poder não é exercido apenas no campo material, mas também no campo simbólico: a maturidade é convertida em legitimidade.

Contudo, em vez de gerar submissão, esse saber funciona como um dispositivo de cuidado. Durante a convivência as negociações se deslocaram para o cotidiano. Azaleia afirmou: “Eu faço a maioria das coisas durante a semana, deixo tudo pronto pra ela não ter que se preocupar.” A ação de cuidar pode ser significada como exercício de poder, pois implica organizar o outro, antecipar suas necessidades e criar dependências sutis. Essa dinâmica também é permeada por resistências, pois ao assumir suas próprias responsabilidades Bromélia reposiciona-se: “Eu gosto de resolver minhas coisas. Ela me ajuda muito, mas eu também não gosto de deixar tudo nas costas dela”.

Em outro momento, Azaleia reconheceu: “Eu fazia tudo do meu jeito e ela vinha e mudava. No começo eu ficava brava, depois eu comecei a entender que ela só queria ajudar.” Essa fala mostra o deslocamento do poder disciplinar, o qual Foucault (1979) considera centrado na dominação, para o poder relacional, em que a interferência do outro não é vista como ameaça, mas como exercício dinâmico, de modo que o amadurecimento da relação representa novas maneiras de convivência.

3.3 Tempo, destino e legitimidade afetiva.

Ainda considerando os discursos das mulheres entrevistadas, é possível notar uma tentativa de dar sentido ao encontro amoroso marcado pela diferença acentuada de idade. Muitas narram suas histórias como se estivessem lidando com uma espécie de descompasso temporal ou como se o amor entre elas tivesse acontecido fora do que socialmente seria considerado “o momento certo” (entre pessoas com idades similares, geralmente jovens). Por mais que esse descompasso seja muitas vezes ressignificado pelas participantes como destino ou encontro necessário, revelando estratégias discursivas de legitimação afetiva e subjetivação do vínculo amoroso, ainda é possível observar o receio do futuro em meio às diferenças acentuadas de idade.

Esse processo pode ser compreendido a partir da noção foucaultiana de práticas de subjetivação, segundo a qual os sujeitos se constituem a partir das formas pelas quais se relacionam consigo mesmos, com os outros e com os discursos normativos que os atravessam (Foucault, 1995). Ao se apropriarem da diferença acentuada de idade como marca de profundidade emocional, maturidade ou complementaridade, essas mulheres não apenas tentaram resistir aos julgamentos de terceiros, mas construíram formas próprias de vivenciar o amor e o cotidiano.

A conjugalidade entre mulheres com diferença etária acentuada não se limita ao presente das interações cotidianas. Ela também se projeta sobre o tempo – passado e futuro – revelando como essas mulheres constroem significados afetivos sobre imediatez, envelhecimento, continuidade, finitude e projeto de vida em comum.

Entre as entrevistadas, a fala de Violeta emergiu com especial intensidade ao tocar na questão do futuro da relação e do desejo de permanecer ao lado de Jasmim. Essa fala revelou tanto o sonho quanto a angústia, tanto o afeto quanto o confronto com a realidade biológica da diferença etária:

Uma das coisas que eu me pego, porque quando a gente entra no relacionamento, a gente sempre entra sonhando com ele, perdurando, né? Você quer que dê certo pra vida. Então, a gente faz planos, tudo, e coisa que mexe muito comigo é a questão de envelhecer juntas.

Ademais, quando ele relatou “Eu já tô com o pé aqui [na cova, expressão popular que significa estar perto da morte], já”, Violeta se localiza no tempo da vida: ela reconhece estar mais próxima da velhice e da finitude. Com isso, o tempo deixa de ser abstrato e se torna concreto no corpo, argumento este de acordo com Foucault (2006b) que aponta o corpo como um lugar onde o tempo e o poder se inscrevem. Aqui, o corpo-idade introduz um reconhecimento temporal que impacta o modo de imaginar o futuro.

Apesar do medo da finitude, Violeta ainda imaginou um futuro em que ela e a parceira estejam aposentadas, vivendo uma velhice compartilhada, numa construção de planos como uma forma de resistência simbólica contra a ideia de que sua relação é temporária ou ilegítima. A possibilidade de imaginar um futuro juntas é um ato político para corpos etária e heterodissidentes e uma forma de reivindicar existência no tempo presente (Butler, 2003). Enquanto Violeta expressou angústia com a finitude, Jasmim enfatizou a dimensão positiva da diferença temporal na relação, especialmente na aprendizagem afetiva e emocional.

O tempo da conjugalidade no caso de Gardênia e Íris apareceu sobretudo como processo de amadurecimento recíproco e de construção estável de uma vida compartilhada. Ao contrário de relatos centrados na angústia frente à finitude, aqui o tempo se constitui como território de transformação: ambas descreveram caminhos subjetivos que se cruzaram, ensinaram e produziram modos de existência compartilhados.

No relato de Íris, o impacto temporal foi narrado como uma progressão de mudança psicológica: “A Gardênia de onze anos atrás era insegura, preocupada, deprimida” e, a seguir, a observação de que esse estado foi transformado ao longo da convivência. A temporalidade operou como processo de subjetivação: o antes e o agora se separam não apenas por anos, mas por experiências que produziram novas maneiras de estar no mundo.

Do lado de Gardênia, o tempo do relacionamento conjugal foi narrado como espaço de aprendizagem contínua: “Eu aprendo muito com ela a cada dia, né, e eu acredito que ela também aprenda comigo, no sentido de leveza, paciência.” Esse relato mostra que as posições (mais experiente/mais jovem) não necessariamente se cristaliza em hierarquia; ao contrário, delas pode haver uma circulação de saberes, pois a mais velha transmite recursos de experiência e a mais nova traz leveza e ritmo diferente, e ambas se reconfiguram mutuamente.

A diferença acentuada de idade, inicialmente associada a estágios diferentes de maturidade, é ressignificada como complementaridade – diferentemente do que pressupõem a heterossexualidade monogâmica tradicional. Butler (2003) argumenta que relações consideradas fora da normatividade criam formas alternativas de temporalidade, rompendo com a lógica heteronormativa linear (namorar-casar-ter-filhos-envelhecer) e, com isso, Íris e Gardênia constroem um tempo próprio: uma temporalidade relacional marcada pela troca e não por um roteiro pré-determinado, especialmente quando Gardênia disse “hoje não vejo mais diferença de idade como desafio”, convertendo o efeito do tempo vivido em diluição da marca geracional.

Desde o início, a temporalidade da relação rompe com o modelo tradicional que associa tempo transcorrido à legitimidade (devido à estabilidade constituída). Tulipa afirmou: “A gente se conheceu em 2023 [...] e foi uma conexão gigantesca. [...] Eu, desesperada que sou, com medo dela não me querer, falei assim, ‘namora comigo’.” Ou seja, a rapidez do pedido desestabilizou a expectativa normativa da expectativa de conhecer aos poucos, ou seja, Tulipa resistindo ao discurso hegemônico que associa prudência e gradualidade temporal crescente à responsabilidade afetiva.

Outro ponto central é o modo como a diferença etária impacta expectativas e inseguranças. Tulipa relatou que Magnólia duvidou no início do relacionamento: “Por eu ser quinze anos mais nova que ela [...] ela achava que aquilo ia ser um fogo de palha.” A idade apareceu como elemento de

suspeita, baseado em regimes de verdade que vinculam juventude à instabilidade afetiva. Tulipa, porém, ressignificou esse discurso ao demonstrar comprometimento.

Além disso, a diferença geracional apareceu no modo como cada uma foi socializada em relação à sexualidade e à expressão dos afetos. Magnólia afirmou: “Eu vim de uma geração que a gente era proibida de falar. [...] Eu acho que com ela eu aprendi que não é bem assim. Que a gente pode demonstrar, que a gente pode falar, que está tudo bem.” Nesse trecho, é possível inferir que a diferença acentuada de idade foi diretamente associada aos diferentes regimes discursivos: o silêncio, a repressão e o segredo *versus* a naturalização e a espontaneidade dos afetos; a convivência com Tulipa rompeu um regime de verdade anterior e introduziu um novo modo de subjetivação, pautado na visibilidade e na expressão dos afetos.

Outro ponto observado como marcador de legitimidade é quando Tulipa afirmou: “Não, nós não pretendemos ter filhos [...] não é algo que nem eu e nem ela queremos [...] tudo está bem alinhado.” A recusa a uma norma da conjugalidade heteronormativa monogâmica (reprodução biológica) é uma forma de afirmar que a legitimidade do amor não depende de reproduzir expectativas sociais (reprodução simbólica), mas de construir um modo próprio de existir na relação, o que envolve resistências ativa às normas institucionais de composições tradicionais de família.

Entre Azaleia e Bromélia, a primeira descreveu de forma explícita a diferença de fases de vida: “Eu quero chegar e deitar e dormir, porque eu sou velha e eu tô cansada [...] E aí ela quer sair, quer fazer não sei o quê, quer ver, sabe?”. O cansaço ao qual ela se refere, no nível literal, seria o cansaço corporal, próprio da idade ou da rotina. Contudo, sob as lentes foucaultianas do discurso e da produção de subjetividades, Azaleia revisita um cansaço subjetivo, pois se identifica em um lugar sociocultural e discursivo de “pessoa velha” e ativa uma rede de sentidos estabilizados sobre o envelhecimento que associa idade à limitação. Ou seja, para além do aspecto físico o cansaço seria um modo de se posicionar discursivamente no mundo, um símbolo da maturidade e daquilo que se espera socialmente de alguém mais velho/maduro.

Em contrapartida, Bromélia representou a vitalidade e o movimento, o que tensiona a dinâmica conjugal. O marcador de tempo, nesse contexto, mobilizou outros regimes de verdade incluindo discursos sobre o que é “ser madura” e “ser nova” que se inscrevem nas práticas do corpo e nas relações. Bromélia ressignifica a diferença etária como espaço de aprendizado e estabilidade: “Ela foi a primeira pessoa mais velha que eu conheci e a primeira pessoa que deu certo. [...] A maioria das pessoas da minha idade não tinham maturidade pra ter relacionamento.” Essa constatação inverte o que é legitimado como norma social: o que poderia ser motivo de estigma (a diferença acentuada de idade) foi transformado em condição para a durabilidade afetiva.

Nesse sentido, tanto Azaleia quanto Bromélia se constituem a partir desses discursos: a primeira, ao se reconhecer como “velha e cansada” reproduz um regime de verdade sobre a velhice; a segunda, ao atribuir maturidade à diferença etária resiste a esse mesmo regime e o transforma, evidenciando que o poder e o saber estão em constante circulação (Foucault, 1995).

4 Considerações finais

De modo geral, os relatos produzidos pelas entrevistadas evidenciam que a diferença etária acentuada constitui um marcador central na organização dos afetos, das práticas e das percepções das conjugalidades entre mulheres. Para algumas participantes, a idade associa-se à sensação de segurança; para outras, emerge como um desafio vinculado à convivência entre ritmos e fases da vida. Tais discursos produzem regimes de verdade que orientam as formas pelas quais essas mulheres se reconhecem, se posicionam e narram suas experiências conjugais. Nesse sentido, as conjugalidades entre mulheres com diferença acentuada de idade revelam deslocamentos importantes em relação às expectativas normativas sobre o par conjugal: a idade, frequentemente

mobilizada como marcador de assimetria e potencial desigualdade, é ressignificada como território de aprendizado, de negociação e de reinvenção mútua.

No que se refere às negociações de poder, os resultados permitem sustentar que estas não se organizam predominantemente a partir de lógicas de posse ou de hierarquia fixa, mas como relações móveis e situadas. Em determinados momentos, a mulher mais velha ocupa posições associadas à estabilidade e à condução do cotidiano; em outros, é a mais jovem que assume um papel central no suporte emocional e no impulso às transformações pessoais e relacionais. Tais dinâmicas indicam que o poder circula e se redefine de acordo com os contextos, as trajetórias e as necessidades de cada casal. Ao evidenciar que o poder não se exerce apenas sobre o outro, mas com o outro — nos gestos, decisões, silêncios e afetos que sustentam a vida em comum — a análise aproxima-se de uma compreensão relacional do poder e, ao mesmo tempo, tensiona modelos conjugais hegemônicos que naturalizam posições fixas de autoridade, proteção e dependência. As negociações cotidianas, nesse quadro, configuram-se como práticas de liberdade e de cuidado, nas quais os afetos articulam-se a uma ética do convívio e da reciprocidade.

No conjunto das entrevistas o tempo emerge como um elemento relacional, simbolizando amadurecimento, permanência e transformação. As mulheres expressam o desejo de envelhecer juntas, mas também o receio de não compartilharem o mesmo futuro. Tal experiência é atravessada por discursos etaristas que acionam, simultaneamente, mecanismos morais e normalizadores e, em contrapartida, formas de resistência, uma vez que essas mulheres constroem sua vida conjugal fora dos padrões instituídos, produzindo modos singulares de viver. Desse modo, a conjugalidade entre mulheres com acentuada disparidade etária não apenas reivindica reconhecimento social, mas também institui outras formas de legitimidade afetiva, tensionando as normas sobre ciclo de vida, estabilidade conjugal e futuro compartilhado.

À luz desses achados, este artigo oferece como aporte específico ao campo dos debates sobre conjugalidades entre mulheres a problematização da diferença etária como eixo analítico central para a compreensão dos processos de produção de saber, poder e legitimidade nas relações afetivas, evidenciando como a idade atravessa a constituição das experiências conjugais, produzindo tanto continuidades quanto rupturas em relação aos modelos conjugais hegemônicos. Porém, observam-se continuidades quando emergem expectativas de estabilidade, cuidado e projeto de vida compartilhado que historicamente estão associadas ao ideal conjugal heterossexual; mas também rupturas, na medida em que as posições de proteção, maturidade e condução da vida a dois deixam de estar rigidamente ancoradas em marcadores fixos, abrindo espaço para rearranjos, ambiguidades e deslocamentos — essa ambiguidade estão de acordo com os argumentos foucaultianos sobre o funcionamento do poder.

Em síntese, a diferença etária, os jogos de poder e as formas de legitimação afetiva entre mulheres se constituem em práticas discursivas que produzem modos específicos de ser, amar e se relacionar. Reconhecem-se, contudo, os limites desta pesquisa, sobretudo quanto ao número de participantes que não permite generalizações. Ademais, a análise discursiva ancorada em Foucault exige a compreensão dos enunciados em sua materialidade histórica, o que impõe cautela na extrapolação dos sentidos para outros contextos sociais.

Ainda assim os resultados permitem avançar para uma conclusão crítica sobre as conjugalidades entre mulheres com diferenças etárias acentuadas. Se, por um lado, essas relações se configuram como espaços de resistência, de criação de subjetividades e de exercício ético da liberdade ao produzirem formas de vida que escapam às normas de gênero, idade e conjugalidade tradicionais, por outro, elas não estão isentas de tensões, limites e zonas de desconforto. As próprias narrativas revelam ambiguidades relacionadas ao medo da perda, às assimetrias de projetos de vida, às expectativas de cuidado no futuro e às marcas persistentes do etarismo, indicando que a ruptura

com modelos hegemônicos não se dá de maneira plena ou linear. Mais do que apenas reafirmar a legitimidade dessas conjugalidades, este estudo propõe interrogá-las em sua complexidade, evidenciando que a reinvenção dos modos de amar entre mulheres também se constrói em meio a negociações, contradições e disputas por reconhecimento, cuidado e autonomia. Isso pode ampliar o campo de compreensão sobre as conjugalidades sáficas ao demonstrar que o amor entre mulheres com diferenças etárias acentuadas constitui, simultaneamente, um campo de possibilidades e um espaço de problematização crítica das normas.

Referências

- BBC News Brasil. (2021, 28 de junho). *Dia do orgulho gay: Os países onde é ilegal ser homossexual*. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57641679>
- Brandino, G., & Lucca, B. (2025). *União homoafetiva no Brasil cresceu mais de 700% de 2010 a 2022, aponta Censo*. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/11/uniao-homoafetiva-no-brasil-cresceu-mais-de-700-de-2010-a-2022-aponta-censo.shtml>
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Canhota, C. (2008). Qual a importância do estudo piloto? In E. E. Silva (Org.), *Investigação passo a passo: Perguntas e respostas para investigação clínica* (pp. 69–72). APMCG.
- Carmo, P. S. do. (2019). Desvelando a homossexualidade feminina. In P. S. do Carmo, *Prazeres e pecados do sexo na história do Brasil* (pp. 319–334). Edições Sesc São Paulo.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Edições Graal.
- Foucault, M. (1995). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Graal.
- Foucault, M. (2006a). *História da loucura na Idade Clássica*. Perspectiva.
- Foucault, M. (2006b). *A hermenêutica do sujeito*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2014). *A ordem do discurso*. Edições Loyola.
- IBDFAM – Instituto Brasileiro de Direito da Família. (2025, 10 de dezembro). *Casamentos homoafetivos crescem acima da média nacional, apontam dados do IBGE*. <https://ibdfam.org.br/noticias/13480/Casamentos+homoafetivos+crescem+acima+da+m%C3%A9dia+nacional%2C+apontam+dados+do+IBGE>
- Louro, G. L. (2018). *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica.
- Loyola, M. A. (2003). Sexualidade e medicina: A revolução do século XX. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(4), 875–899.
- Nascimento, L. S., Souza, T. V. de, Oliveira, I. C. dos S., Moraes, J. R. M. M., Aguiar, R. C. B., & Silva, L. F. (2018). Theoretical saturation in qualitative research: An experience report in interview with schoolchildren. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(1), 228–233. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616>
- Saffioti, H. (2015). *Gênero, patriarcado e violência*. Expressão Popular. Fundação Perseu Abramo.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203–220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>